

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME I*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

## PEDRAS VISIGODAS DE ABIUL

Por amável informação do nosso estimado amigo, Dr. Bairrão Oleiro, soubemos existirem duas pedras com labores visigodos na Igreja Matriz de Abiul. Fomos imediatamente estudá-las e das observações feitas damos uma breve notícia.

Quem seguir pela estrada que vai de Pombal a Ancião, cerca de dez quilómetros andados encontrará á direita um pequeno desvio que o levará rápidamente a Abiul.

É uma aldeia curiosa, cheia de restos de maior grandeza: palácios em ruínas, como o dos Duques de Aveiro, onde se mantém ainda de pé um imponente pórtico manuelino (fig. 1) com colunas torsas a enquadrá-lo e a continuarem para cima, a engrinaldar o arco, de volta perfeita; restos de uma capela do séc. xvii, mais além restos de outros velhos solares; nas ruínas da igreja da Misericórdia, aproveitadas em parte para residência paroquial, conserva-se o púlpito, com a data de 1616; aventais decorados que pertenceram a casas antigas, enfeitam agora outras; os restos duma coluna torcida e que foi do pelourinho do tempo de D. Manuel quando, em 1515, a vila recebeu novo foral; uma inscrição em uma pedra encastoadá num muro leva a data «E 1539»; na praça onde se realizava a feira, há os restos de um forno que depois de estar aceso durante dois dias via entrar nele um homem, confessado e sacramentado, com um cravo na boca e levando enorme fogaça para cozer, recordação duma promessa feita em tempo de peste.

A comemorar a temeridade, uma inscrição no local, em letras do séc. XVIII resa assim:

RVBUM QVEM VIDERAT  
 MOISÉS, INCOMBVSTVS  
 CONSERVATA, AGNOVI  
 MVS.TVAM.LAVDABI  
 LEM. VIRGINITATEM  
 DEI GENITRIS INTERCE  
 DE PRO NOBIS.ANDE 1718

A igreja matriz é bastante grande; colocada no alto da povoação não apresenta, vista de longe, qualquer pormenor com interesse histórico ou arqueológico que possa ser atribuído ao passado longínquo. No entanto as portas laterais, observadas de perto, mostram ombreiras do séc. XVI e, a servir de vergas, duas pedras visigodas; dentro da igreja, na abóbada do altar mor e no altar de N. S. do Rosário, há restos bem visíveis da grande reconstrução operada no séc. XVI, com o auxílio do Rei, do Duque de Aveiro e do Povo.

*As pedras visigodas* — Como dissemos, fazem de vergas às portas laterais N. (fig. 2) e S. (fig. 3) duas pedras com labores visigodos. Esculpidas em calcáreo da região mostram desenhos de inspiração idêntica nos pormenores, mas com ligeiras diferenças na execução. Devem ter pertencido ao mesmo edifício, pois as dimensões permitem essa hipótese. Assim:

	pedra do lado N.	pedra do lado S.
comprimento	1.95 m.	1.85 m.
altura	0.50 m.	0.50 m.
espessura	0.25 m.	... 0.22 m.

A diferença no comprimento pode ser atribuída, pelo menos em parte, a ter sido amputada a extremidade do topo direito da pedra do lado Sul.

A ornamentação de ambas é constituída por cinco quadros formados por rectângulos e quadrados: nos rectângulos há duas rosetas sobrepostas, nos quadrados uma cruz patada com cachos de uvas nos cantos.

As rosetas são de seis pétalas, inscritas em um círculo; os espaços livres, quando são preenchidos, são-no por desenhos geométricos simples, como a ponta de uma folha.

As cruces, já o dissemos, estão dentro de quadrados. Os braços estão cheios por meias esferas dispostas em filas regulares da periferia para o centro; não houve a preocupação de inscrever o mesmo número de meias esferas em cada braço da cruz. Igual facto se verifica com os cachos que se desprendem dos braços das cruces e mais, numas o cacho sai do meio de um dos lados do braço, outras vezes saem dois cachos, mas um de cada lado. Neste caso há um dos outros três braços da cruz que não tem cacho. Por outra parte, das extremidades dos braços sai uma voluta para um e outro lado, com formas que não são exactamente as mesmas em todas, ora mais compridas, ora em parte rectas, etc.

Finalmente, os espaços livres entre os braços têm, além do cacho destes pendente, outro que sai da moldura do quadrado, um por cada ângulo.

O centro da cruz é um círculo com outro incluso; no espaço entre os dois, novamente as meias esferas aparecem a preenchê-lo.

A decoração é, no seu conjunto, bastante curiosa. A forma da cruz, com as pontas continuadas por uma voluta para cada lado, lembra a cruz do fecho do arco da porta da galilé em S. João de Banhos, igreja datada do séc. vn (Schlunk, *Ars Hispaniae*, fig. 21, pág. 274); mas nesta, os braços da cruz estão cheios por uma palmeta, enquanto os de Abiul mostram meias esferas. Também aparecem estas volutas junto a «temas bárbaros com significado cristão» (J. Pijoan, *Summa Artis*, vol. viii, pág. 11) fig. 10, n.º 1, e noutras vê-se a cruz reverdescendo com folhas dispostas uma a uma em cada canto dos braços (idem, n.º 3). Uma das cruces que maiores semelhanças mostra com as de Abiul é a do Museu de Arles (arte merovíngia): os mesmos braços da cruz cheios de meias esferas, volutas em cada uma das extremidades, o espaço cheio por motivo vegetalista em dois cantos, mas nos outros dois o alfa e o ómega (J. Pijoan, *op. cit.*, fig. 247). Os cachos com aspecto idêntico aos de Abiul aparecem com frequência na arte visigoda, por ex. em S. Pedro da Nave (Zamora), quer desprendendo-se de uma haste de videira, quer a preencher o espaço vazio (Schlunk, *op. cit.*, pág. 298, fig. 315).

É curiosa esta abundância de cachos sem folhas ao contrário do que é costume ver-se, isto é, alternância de uns com outras. Teriam perdido o significado da videira, para só ficar parte do ornato com ela obtido?

A técnica provincial destas pedras é a mesma que vemos nalgumas aparecidas nas escavações de Conímbriga, isto é, relativamente perto de Abiul; o desenho é também rude e isto está conforme com a área a que as peças pertencem.

Seriam as vergas originariamente de Abiul, de qualquer igreja que por lá tenha existido? Conhecemos pouco, a história da aldeia. No tempo de D. Afonso Henriques foi-lhe dado foral (1167): teve pois, nesse tempo, uma certa importância, mas do que se passara antes, nada sabemos.

As proximidades de Conímbriga, cerca de quarenta quilómetros, podem fazer suspeitar terem as pedras sido levadas dali; no entanto, a distância não é tão curta que se possa afoitamente, por essa hipótese e por isso vamos mais pela origem local das pedras de Abiul.

D. FERNANDO DE ALMEIDA

FIG. 1 — Portal manuelino do palácio dos Duques de Aveiro.



FIG. 2 — Verga da porta Sul da Igreja Matriz.



FIG. 3 — Verga da porta Norte da Igreja Matriz.